

'O Ocidente decidiu escolher o isl

Continuação da página 5

JU – A transição política nos países conflagrados pode abrir vácuos de poder capazes de permitir a ascensão de governos fundamentalistas religiosos ou esse é um receio infundado perante o vigor das demandas democráticas demonstrado pelo levante popular? Até que ponto a influência iraniana é um risco a ser considerado?

Arlene – Tal possibilidade existe e não deve ser descartada das análises políticas da região, mas ela precisa ser vista caso a caso. Nem todo partido islâmico defende a criação de um estado islâmico. O modelo da Turquia, de Estado político governado por um partido islâmico, poderia ser adotado por mais de um partido na região, caso vencesse eleições parlamentares ou presidenciais. Para eliminar esse tipo de especulação e a possibilidade de que o Ocidente utilize o argumento do “perigo islâmico” para apoiar forças conservadoras, autoritárias e antipopulares, no Egito a Irmandade Muçulmana já afirmou que não vai concorrer nas próximas eleições.

No Egito e na Tunísia, o modelo político iraniano não tem apelo nem às massas árabes –majoritariamente sunitas, inclusive – nem aos partidos políticos existentes ou em formação, até onde se sabe. O Irã por si só não exerce uma influência nesses países capaz de alterar a construção da democracia ou formação de regimes de maior representação popular. De fato, o maior risco de crescimento da influência iraniana sobre os países árabes do Oriente Médio viria de um cenário de ataque israelense ou norte-americano à república islâmica, desestabilizando a região como um todo e provocando uma resposta iraniana que talvez não se dirigisse diretamente contra Israel ou EUA, ambos muito difíceis de atacar, mas contra governos árabes aliados dos EUA na região. Nesse caso, poderíamos ver seriamente abalada a construção democrática árabe no Oriente Médio.

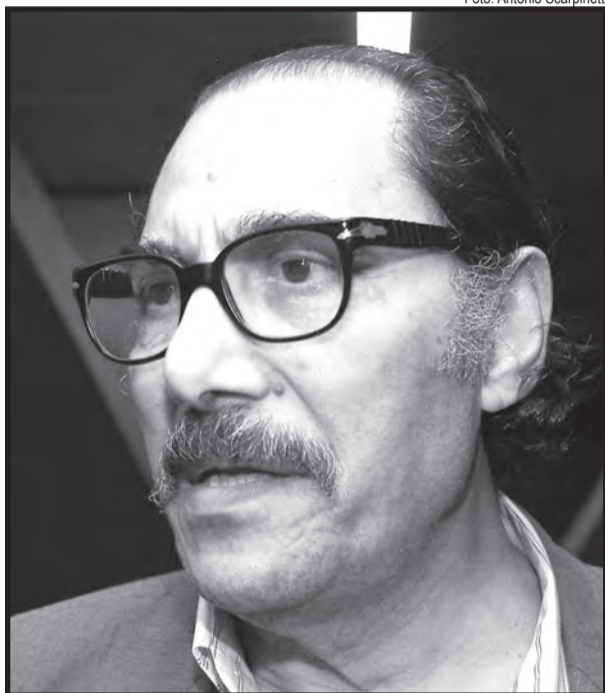
Mohamed – Há uma estratégia ocidental, liderada pelos EUA, de tentar caracterizar grupos religiosos muçulmanos como terroristas e ame-drontar a comunidade internacional quanto ao risco de assumirem o poder. Isso não existe. O mundo árabe inteiro é de estados laicos, com a exceção da Arábia Saudita, maior aliado dos EUA no Oriente Médio. Nos episódios que estamos acompanhando, foram demandas sociais, e não questões religiosas, políticas ou ideológicas, que mobilizaram milhões de pessoas nas ruas. A completa falta de perspectivas em uma vida digna, com moradia, oportunidades de emprego e renda, levou os jovens a iniciar os levantes. Os povos árabes não querem nenhum grupo religioso para governá-los. O Ocidente, no entanto, especialista em criar estereótipos do árabe ignorante, inculto, que necessita de um pastor para guiá-lo, decidiu escolher o islamismo como o anticristo da vez, para tentar impedir o apoio da opinião pública mundial às manifestações no Oriente Médio.

Mas até o Irã está sendo questionado pela própria sociedade iraniana nas ruas hoje e mesmo a Fraternidade Muçulmana [organização criada nos anos de 1920 com a intenção de libertar o Egito do domínio britânico] declarou publicamente que não tem interesse em ocupar o poder, assim como não teve à época de sua criação. Embora não seja um grupo terrorista, foi tachado como tal pelo Ocidente. Então, não podemos cair no que os discursos ocidentais pregam, porque a história está mostrando qual é a verdade.

Nasser – Construiu-se um paradigma em que a religião assume um papel preponderante em relação ao Oriente Médio, mas essa não é a



Arlene: “O movimento contínuo de protestos entra em uma fase nova de organização”



Mohamed: “O mundo árabe pede o fim desse relacionamento baseado no parasitismo”



Nasser: “Não será o caso de romper com o Ocidente, mas de estabelecer outro patamar”

questão fundamental. O que estamos assistindo agora não tem relação com grupos religiosos. Eu diria que a influência iraniana ou a ação, não somente do Irã, mas do radicalismo islâmico, neste momento no Oriente Médio é improvável. Contudo, permanece a questão: e os outros fundamentalistas, como a Fraternidade Muçulmana, que é o grupo organizado mais antigo do Oriente Médio? Demonstra até agora, e já demonstrou antes, uma ação extremamente sábia e moderada. Não deu início aos levantes e durante as manifestações sua atuação foi discreta, assim como está sendo neste momento de transição. Vale salientar que, como qualquer outro ator político, eles aprendem com a história. E qual é o aprendizado? Sabe-se o que o aiatolá Khomeini foi isolado da comunidade internacional por suas ações. Então, na medida em que está chegando a hora de participar do poder, eles não são irracionais ao ponto de querer confrontar a comunidade internacional, tanto que líderes da Fraternidade Muçulmana estão propondo suas ideias em grandes jornais do Ocidente.

Finalizando, faço a seguinte observação: nada melhor do que olhar para a atitude dos governantes em momentos revolucionários. O Mubarak não resistiu, resignou-se e saiu, enquanto o Kadafi decidiu lutar para ficar no

poder. E tem o rei da Arábia Saudita [Adbullah al Saud], que ao voltar da Europa onde estava hospitalizado prometeu despejar 37 bilhões de dólares em medidas de seguridade social, habitação e emprego. Ele foi tomado por um surto de humanitarismo? Tratou apenas de se antecipar às demandas.

JU – O Ocidente, que colocou e manteve no poder os déspotas que agora estão sendo destronados, precisará estabelecer novas alianças com as forças políticas emergentes. Porém, se os protestos que derrubaram os ditadores podem ser interpretados também como um gesto contundente contra a histórica interferência ocidental na região, quais mudanças poderão ocorrer no tabuleiro da política externa no Oriente Médio?

Mohamed – Os EUA sustentam equivocadamente seus interesses no Oriente Médio a partir de regimes ditatoriais que eles próprios criaram e incorrem nos riscos da relação perversa que eu observei na primeira resposta. Esse modelo permitiu a um governante ditador como Mubarak tornar-se um dos homens mais ricos do planeta enquanto mais de 40% da população do Egito vive abaixo da linha da pobreza. Faço a seguinte



Refugiados escapam pela fronteira oeste da Líbia: fuga em massa de civis alimenta discurso xenóforo em países europeus

analogia: um parasita pode matar seu hospedeiro se o explora exageradamente, mas sem este também corre o risco de morrer. O mundo árabe pede o fim desse relacionamento baseado no parasitismo e, a partir de estados democráticos, almeja por uma relação de simbiose e de parcerias de longo prazo com o Ocidente, estabelecidas no respeito mútuo, capaz de assegurar os recursos necessários ao desenvolvimento de suas sociedades.

Nasser – É bom lembrar que não se trata de ditadores apenas, mas de uma elite econômica e militar que estabeleceu laços muito próximos com o Ocidente. Isso mostra a dificuldade de se quebrar essa estrutura, porque uma coisa é a mudança de governante, outra é a de regime. Até agora os governantes estão sendo desalojados, mas o regime ainda não. Eu diria que é possível ter uma política externa autônoma, ser aliado dos EUA, sem necessariamente ser submisso. Não será o caso de romper com o Ocidente, mas de estabelecer outro patamar nas relações, o da visibilidade, de se saber efetivamente para onde vão os recursos aplicados na região. O Egito recebia um bilhão e meio de dólares anuais dos EUA não se sabe para quê. Também é possível viver em paz com Israel sem precisar fazer negociações escusas com os israelenses. Isso tudo é importante porque vamos entrar em um novo momento em que não há lugar para esses antigos líderes, o Kadafi, o Mubarak, e acredito que haverá mudanças mesmo em Israel.

Netanyahu [primeiro-ministro de Israel] é um homem deste momento; o novo vai exigir novos líderes de Israel. Esse é um desafio que a sociedade israelense já começa a discutir. Eu acho isso muito proveitoso, porque entraremos em outro estágio, acredito na própria Palestina, de sair, de um lado, da herança

do peso histórico de Yasser Arafat, do Fatah, que governa a Autoridade Palestina, e de outro lado também sair do radicalismo do Hamas. Sair desses dois campos que se negam radicalmente um ao outro abrirá novas possibilidades aos palestinos nos âmbitos interno e internacional.

JU – A utilização de ferramentas disponibilizadas pela internet – Twitter, Facebook e o You Tube – é apontada como responsável pelo êxito das insurreições lideradas por jovens rebeldes, pois contribuiu para fomentar, articular e propagar os protestos pelo mundo afora. Esses recursos tiveram, de fato, toda essa importância estratégica e podem explicar por que até então o clamor contra as longevas ditaduras nos países árabes não alcançara os resultados de agora?

Arlene – A comunicação via páginas de relacionamento da internet foi importante, não por si só, mas em aliança aos movimentos sociais e dos trabalhadores que há anos vinham realizando manifestações e enfrentando uma brutal repressão da polícia egípcia, para tomar o caso desse país. O Facebook ajudou a articular a manifestação do dia 25 de janeiro, contra o Dia da Polícia no Egito, e pode ser muito importante para a articulação da nova fase da revolução no Egito e na Tunísia a partir de agora. Em janeiro, o simples registro do imenso número de adesões à página, por exemplo, do “Somos Todos Khaled Said”, encheu de coragem a juventude egípcia.

Junto com isso, as televisões tiveram um papel fundamental, ao propagar a notícia das revoltas, de país a país, começando pela Tunísia. Portanto, o Facebook e o Twitter foram de fato importantes instrumentos, mas não explicam porque a